

CAMILA RODRIGUES
FILIPE HENRIQUES
IZADORA AMARO
PEDRO BARBOSA



A RETEXTUALIZAÇÃO NA SALA DE AULA: DO GÊNERO TEATRAL/DRAMÁTICO AO ESQUETE

MATERIAL DIDÁTICO



Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino - LABOR

O Labor – Laboratório brasileiro de oralidade, formação e ensino” é um projeto interinstitucional, entre quatro universidades brasileiras, que desenvolve ações de pesquisa e extensão. Seu objetivo mais amplo é desenvolver diferentes ações que visem aprimorar as práticas de oralidade e o ensino de gêneros orais nos diferentes níveis de escolarização.

Coordenação: Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel (UPE), Letícia Jovelina Storto (UENP), Luzia Bueno (USF), Tânia Guedes Magalhães (UFJF)

Título: A retextualização na sala de aula: do gênero teatral/dramático ao esquete

Autores do material:

Camila Rodrigues da Silva
Filipe Emanuel da Silva Henriques
Izadora Nelly Pavani Silva Amaro
Pedro Rodrigues Barbosa

Revisor do material:

Antonio Naéliton do Nascimento (UFCG)

Este material foi produzido em 2021, no âmbito do Projeto “Divulgação científica, oralidade e formação de professores” (PROEX/UFJF). Com autorização dos/as autores/as acima, está sendo veiculado no site do LABOR como uma das ações de divulgação de produções acadêmicas e pedagógicas na temática da oralidade. O conteúdo deste material é de responsabilidade exclusiva dos/as autores/as. E’ permitido compartilhar este material (sem fins comerciais e sem alterações), desde que sejam dados os créditos aos/às autores/as.

Bolsistas de extensão:

Emily Souza Mattos
Jaqueline Reis Machado

Diagramação:

Cristiane Severina da Paixão



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A retextualização na sala de aula : do gênero teatral/dramático ao esquete [recurso eletrônico] / Camila Rodrigues ... [et al.] ; coordenação: Débora Amorim Gomes da Costa-Maciel .. [et al.]. Dados eletrônicos (1 arquivo: 34,9mb). Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2024.

Sistema requerido: Adobe Acrobat Reader

Modo de acesso: <https://www2.ufjf.br/labor/materiais-didaticos/>

Este material foi produzido em 2021, no âmbito do Projeto “Divulgação científica, oralidade e formação de professores” (PROEX/UFJF).

1. Ensino de língua portuguesa. 2. Material didático. 3. Retextualização 4. Oralidade. I. Silva, Camila Rodrigues. II. Costa-Maciel, Débora Amorim Gomes da. II. Título.

CDU: 806.90(07)



QUE HÁ NESTE MATERIAL DIDÁTICO?

A partir de um estudo extensivo sobre os gêneros orais nas aulas de Língua Portuguesa, elaboramos este material didático que aborda a oralidade por meio do texto teatral/dramático a partir de um conto e as práticas da retextualização e do esquete. De acordo com os eixos da referida disciplina e levando em consideração o eixo oralidade na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), entende-se que a oralidade é uma prática social que compreende as práticas de linguagem ocorridas em situação oral com ou sem contato face a face, além da oralização de textos em situações socialmente significativas (Brasil, 2018).

Sob essa perspectiva, o presente material didático objetiva, a partir do gênero escrito, abordar o gênero oral por meio do texto teatral/dramático, sendo trabalhados, também, o gênero esquete e a prática da retextualização. Nesse sentido, o texto teatral/dramático tem, por objetivo, a representação de seus conteúdos na presença do público, considerando, também, que o texto dramático pode ser lido e encenado. Além disso, tem o discurso direto, sendo semelhante aos textos narrativos, possuindo personagens, espaço e enredo. Vale ressaltar, também, que o gênero dramático pode ser trabalhado tanto de forma on-line quanto presencial (Pinton; Steinhorst; Barreto, 2020).

Quanto ao esquete,

é uma curta encenação teatral e que, por ser teatral, é um texto representativo com características conversacionais, apresentado em teatros, cinemas, circos, rádios, televisões, internet, etc. O esquete é composto por dois tipos de texto em fusão: o narrativo da espécie história e o humorístico. (TRAVAGLIA, 2017, p. 133).

É interessante perceber que, no Brasil, os esquetes têm o caráter cômico como um de seus focos, sendo possível identificá-lo em seriados diversos, tais como o “Zorra Total”, da Rede Globo, “Porta dos Fundos”, “Parafernália”, além dos aplicativos “TikTok” e do “Kwai”, bem como o “Reels” do “Instagram”.



A retextualização, por sua vez, é um “processo que envolve operações complexas que interferem tanto no código como no sentido e evidenciam uma série de aspectos nem sempre bem-compreendidos na relação oralidade- escrita” (Marcuschi, 2001, p. 46). Para Nunes (2017, p. 63), “configura-se como uma ação linguageira orientada por outras condições de produção diferentes daquelas do(s) texto(s)-base”. Trata-se de uma transformação entre textos, que envolve “estratégias linguísticas, textuais e discursivas identificadas no texto-base para, então, projetá-las tendo em vista uma nova situação de interação, portanto um novo enquadre e um novo quadro de referências” (Matêncio, 2003, p. 3-4). Ainda de acordo com Marcuschi, as ações de retextualizar estão presentes em nossas atividades cotidianas e ocorrem de forma “automatizada, mas não mecânica, que se apresentam como ação aparentemente não-problemática” (Marcuschi, 2001, p. 48), visto que “lidamos com elas o tempo todo nas sucessivas reformulações dos mesmos textos, numa intrincada variação de registros, gêneros textuais, níveis linguísticos e estilos. (Marcuschi, 2001, p. 48).

Diante dessa perspectiva, a retextualização neste material surge como uma transição entre o gênero conto e o gênero teatral/dramático. Assim, será proposta uma mudança de um texto escrito para outro texto escrito, resultando em um novo texto que poderá ser oralizado.

Nesse sentido, nossa proposta que tem como foco o Ensino Médio presencial, organiza-se da seguinte forma: a) turmas de 30 alunos/as, totalizando 5 grupos com 6 alunos/as cada; b) previsão de tempo de duração de 8 a 10 aulas; b) construção de cinco esquetes.

O título da proposta é “**A retextualização na sala de aula: do gênero teatral/dramático ao esquete**”. Esclarecemos que há a necessidade de se trabalhar com contos e, em seguida, a partir da prática da retextualização, desenvolver, com os/as alunos/as, uma atividade própria, cujo foco será a reconstrução do conto por meio do gênero teatral.

Diante disso, o presente material didático trará o conto “O menino que escrevia versos”¹, de Mia Couto, para serem trabalhados os gêneros supracitados. Nesse sentido, o trabalho final poderá ser divulgado no YouTube da escola, bem como em uma apresentação presencial com os grupos.

Nota-se, então, que o presente trabalho enquadra-se na competência específica 6 da BNCC, a qual revela que o/a aluno deve

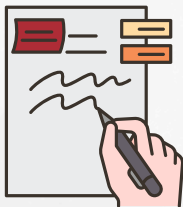
Apreciar esteticamente as mais diversas produções artísticas e culturais, considerando suas características locais, regionais e globais, e mobilizar seus conhecimentos sobre as linguagens artísticas para dar significado e (re)construir produções autorais individuais e coletivas, exercendo protagonismo de maneira crítica e criativa, com respeito à diversidade de saberes, identidades e culturas. (BRASIL, 2018, p. 496).

Além disso, acerca dessa competência, o texto teatral/dramático e o esquete estão alocados na Habilidade Específica EM13LGG603:

Expressar-se e atuar em processos de criação autorais individuais e coletivos nas diferentes linguagens artísticas (artes visuais, audiovisual, dança, música e teatro) e nas interseções entre elas, recorrendo a referências estéticas e culturais, conhecimentos de naturezas diversas (artísticos, históricos, sociais e políticos) e experiências individuais e coletivas. (BRASIL, 2018, p. 496)

Portanto, os documentos oficiais justificam a escolha do trabalho em sala de aula com a prática da oralidade junto ao/a aluno/a do Ensino Médio, tomando como base os gêneros teatral/dramático e os esquetes. Vejamos a seguir a proposta:

¹O conto está alocado no livro didático “Linguagem e Interação”, de Faraco, Moura e Maruxo Jr. (2016), o qual serviu de inspiração para o desenvolvimento dessa atividade. Contudo, ele poderá ser encontrado em diferentes sites de busca.



DESCRIÇÃO DAS ATIVIDADES

1ª Etapa: CARACTERIZAÇÃO DO GÊNERO CONTO

A aula inicial será uma oportunidade para trabalhar o gênero conto com os/as alunos/as. Primeiramente, escolha um texto que desperte o interesse, a curiosidade e que faça sentido na vida dos/as estudantes, dentro de uma temática escolhida para ser discutida na sala de aula. Sugere-se, por exemplo, trabalhar com o conto “O menino que escrevia versos”, de Mia Couto, que é um texto que dialoga com as vivências cotidianas dos/as jovens, os quais passam por pressões, julgamentos e preconceitos dentro do ambiente familiar. Além do mais, pode ser uma oportunidade de trabalhar a linguagem e algumas expressões do português moçambicano, que são características da estilística de Couto, a fim de que, no momento de fazer a retextualização, os/as estudantes possam realizar um exercício de comparação, aproximando a linguagem para o português brasileiro.

Após apresentar o texto aos/às alunos/as, explique que o conto foi escrito por um autor moçambicano e mencione, brevemente, a biografia dele.



Mia Couto

Escritor moçambicano nascido em Beira, em 1955, tem exercitado, na lapidação da palavra, a arte de reencantar o mundo.

Disponível em: <https://www.miacouto.org/#portfolio>. Acesso em 02/07/24.

Em seguida, realize a leitura do conto com o grupo. Para isso, solicite que se manifestem para representar os personagens (os dois filhos, a mãe, o pai e o médico) no decorrer da leitura, a fim de que já possam ter uma ideia de como se organiza um texto cujo gênero é teatral/dramático.

Em seguida, é importante realizar um debate com os/as discentes, apresentando questionamentos do tipo:

1. Onde se passa a história e quem são os personagens?
2. Há algum narrador/a? Quem ele é?
3. Há concisão nessa narrativa?
4. Está nítido algum conflito na história?
5. Você já tinha lido algum texto com essa estrutura antes?
6. Você considera que a estrutura do texto lido nos dá a ideia do que seja um conto? Por quê?

Vá construindo, junto aos/às alunos/as, a definição do gênero conto² e, ao final, faça o preenchimento das lacunas que surgirem a partir das dúvidas deles. Depois de realizar esse processo, é relevante promover uma atividade sobre o conto lido, a qual pode ser conduzida a partir das seguintes reflexões e questionamentos:

Para refletir



1. Você consegue identificar alguma diferença na linguagem utilizada pelo autor se comparada à escrita de textos brasileiros? Qual?

2. Identifique algumas expressões que não são típicas do português brasileiro.

3. No que diz respeito à narrativa do conto, o que você pensa acerca da atitude do pai de reprimir o talento do filho que escrevia versos?

² Para lapidar os conceitos e características do gênero conto, consultar Moisés (1985).

4. Você percebe alguma distinção entre a ideia de “sonhar” trazida pelo menino escritor e a ideia de sonhar trazida pelo pai? Se sim, qual?

5. Considerando as perspectivas de sonho apresentadas no conto, como você explicaria o significado de sonhar?

6. Qual seria a reação dos seus familiares caso você, em vez de seguir o que eles apontassem, resolvesse escrever versos, como o personagem do conto?

7. Você tem alguma ideia sobre o porquê de o menino escrever os versos? O ambiente em que ele estava inserido tem alguma relação com isso?

8. No texto, há alguma indicação de que a escrita do menino cumpria uma função social no contexto em que ele habitava? Poderia explicar?

E essas são algumas propostas de discussões. Fica a critério do/a docente elencar outras reflexões e interpretações que julgar necessárias para ampliar a reflexão.



2ª Etapa:

EXPLICITAÇÃO DO GÊNERO TEATRAL/DRAMÁTICO E ATIVIDADE DE RETEXTUALIZAÇÃO

Nessa etapa, os/as alunos/as já conheceram especificidades do conto e suas principais características. Sob essa perspectiva, é importante deixar claro para eles/elas que há algumas partes do conto que estão incluídas em outros gêneros, como por exemplo, o texto teatral. Para isso, você deve mencionar frases curtas em que tal gênero aparece, como em:

— Ele escreve versos! Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

— Há antecedentes na família? — Desculpe, doutor?

(COUTO, 2004, p. 63)

Aqui, é importante questionar o grupo sobre o porquê de o gênero teatral se fazer presente, para que seja despertada a característica do gênero teatral/dramático. Além disso, o uso de travessões, o ambiente em que está inserido o conto, bem como a caracterização dos personagens são fatores importantes não somente na narrativa do conto, mas também no gênero teatral.

Em seguida, traga pequenos trechos de uma peça teatral e mostre aos/às alunos/as as características do texto teatral. Como sugestão, você pode trabalhar o esquete “A maldição da caixa d’água”,³ convidando dois alunos/as para fazer a leitura desse trecho, apresentando as especificidades desse gênero. Veja o exemplo:

³ Esquete teatral coletivamente criado por alunos/as e professores/as do Projeto Caixa d’Água, coordenado pelo prof. Luiz Fernando Matos Rocha e desenvolvido na Escola Municipal Murilo Mendes, sob a direção da prof^a. Adriana Perini Carvalho. Juiz de Fora (MG), 2009.



Cenário: sala de estar de uma casa simples.

Personagens: Michele, Joana, Stéfani, Carol, Maionese e Homem da caixa d'água (Chiquinho).

Michele, uma menina de 16 anos, depois de se arrumar para ir a um baile, vai até a janela. Chove forte.

MICHELE – Ai, meu Deus! (*muxoxo*) Logo hoje que eu vou ao baile com meu vestido novo, me acontece isso. E faz um tempão que não saio com as minhas amigas. Ô, chuva danada! Dá um tempo, São Pedro!

A luz pisca.

MICHELE – (*assusta-se*) Ai, São Pedro! Eu pedi tempo na chuva. Não é na luz, não.

A luz pisca de novo.

MICHELE – Foi mal, São Pedro! (*faz o nome do pai*).

Michele senta-se no sofá emburrada. Entra sua mãe, Joana.

JOANA – Que que aconteceu, minha filha? Você parece que viu assombração. Que cara é essa?



Aqui, questione aos/às alunos/as sobre as características do gênero teatral/dramático. Faça as seguintes perguntas:

Para conversar

1. Nesse esquete, há um cenário. Qual é?

2. Há a explicitação dos personagens. Quais são?

3. E quanto ao narrador? Ele aparece nesse texto?

4. Qual a relação entre o conto lido na aula passada e o trecho? *(Aqui, espera-se do/a aluno/a que identifique as características de cada um, como o discurso direto no texto teatral e a marcação do tempo/espço).*

Após a leitura do trecho selecionado e a partir da discussão sobre o texto teatral/dramático, inicie a retextualização do conto “O menino que escrevia versos”, conforme exemplificado abaixo:



TEXTOS ORIGINAIS⁴

De que vale ter voz se só quando não falo é que me entendem? De que vale acordar se o que vivo é menos do que o que sonhei? (*Versos do menino que fazia versos*)

– Ele escreve versos! Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

– Há antecedentes na família? – Desculpe, doutor? O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava-a bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

– Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

TEXTOS RETEXTUALIZADOS⁵

Cenário: Consultório médico e na casa da família.

Personagens: Irmão, Dona Serafina (mãe), menino, médico e o pai.

O médico entra na sala do consultório e lê uma frase do menino: “De que vale ter voz se só quando não falo é que me entendem? De que vale acordar se o que vivo é menos do que o que sonhei?”. O irmão entra na sala e, agitado, como se estivesse apontando para um criminoso, diz:

IRMÃO: Ele escreve versos!

O médico levanta da cadeira, arregala os olhos e, assustado, vê o menino.

MÉDICO: Há antecedentes na família?

DONA SERAFINA: Desculpe, doutor? O médico olha confuso para a família.

Dona Serafina balança a cabeça, como se dissesse não.

O pai, olhando bravo e inquieto para o filho, responde à Serafina:

PAI: Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

⁴ O texto original completo está inserido no Anexo I do material.

⁵ Consulte o Anexo II para verificar o texto retextualizado na íntegra.

Depois dessa atividade inicial, deixe como uma tarefa para casa o término da retextualização da obra, sugerindo que cada discente dê continuidade à prática do texto retextualizado. Peça para os/as alunos/as escreverem o texto em algum suporte que possa ser entregue a você (folha de papel à parte, documento de word a ser entregue digitalmente etc.).

3ª Etapa:

VERIFICAÇÃO DA RETEXTUALIZAÇÃO E APRESENTAÇÃO DO GÊNERO ESQUETE

Agora que os/as alunos/as já tiveram o contato com os dois gêneros, inicie a aula escolhendo uma retextualização de um(a) aluno(a)⁶. Aqui, espera-se que cada aluno/a tenha retextualizado o conto de uma forma diferente, o que não se caracteriza como um problema (e tal fator é importante ser mencionado à turma, para que não se deixem brechas de que um texto é o “correto” e que os demais devem seguir aquele raciocínio). Em seguida, com a leitura do texto escolhido/sorteado em mãos, faça pequenas alterações/comentários com a turma, deixando “livre” a análise, de forma que ela possa sugerir mudanças conforme você faça a leitura. Aproveite para ver o andamento da turma e, caso queira, a depender da análise do texto, vá tecendo informações importantes sobre o gênero teatral/dramático.

Com a retextualização “corrigida”, explique à turma a proposta de atividade sobre o esquete. Primeiro, contextualize o gênero esquete por meio de um vídeo de exemplo. Você pode usar o vídeo “Filho Rebelde”, do Parafernália, disponível no link: <https://www.youtube.com/watch?v=1tWEVdGHu8>. Aproveite para fazer pequenas pausas no vídeo, explicando a todos/as e destacando com o grupo os elementos presentes e as características do gênero esquete. Além disso, outros vídeos poderão ser usados.

⁶ É importante avisar na aula anterior que haverá a leitura de um texto que poderá ser sorteado na hora. Esse aviso deixará o/a aluno/a ciente de que seu texto pode ser lido para o grupo, portanto, precisa estar bem ajustado.

Sugestão de trabalho com os vídeos do “Parafernália” e “Zorra Total”:



“Pai, mãe, eu sou hétero” - *Parafernália* - disponível em:
<https://www.youtube.com/watch?v=Af2FnJ27Dg0>;



“Adolescente Rebelde” - *Zorra Total* - disponível em:
<https://globoplay.globo.com/v/4187179/>



Após apresentar os vídeos aos estudantes, discuta com eles/as as características⁷ percebidas nos esquetes, como o/a(s):

- cenário em que se passa
- quantidade de personagens
- tempo do esquete
- gestos e expressões faciais utilizados
- ambiente
- falas curtas
- ausência do narrador
- posição dos personagens
- aspectos exteriores
- disposição dos lugares e cenário



Como atividade final de aula, peça aos estudantes que procurem e assistam mais esquetes buscando compreender todos os aspectos trabalhados e que analisem esses elementos de forma a fixar o conteúdo trabalhado até aqui. Esse é um trabalho de preparação que servirá para a etapa seguinte.

⁷Aspectos inspirados em Schneuwly e Dolz (2004), os quais apontam os elementos cinésicos, os paralingüísticos, as posições dos locutores, os aspectos exteriores e a disposição dos lugares como elementos importantes acerca do esquete.

4ª Etapa: Apresentação da proposta de trabalho

Nesta etapa, é hora de apresentar aos/as alunos/as a atividade de produção do esquete. Inicialmente, explique que terão que se dividir em 6 grupos de 5 integrantes cada para dar início à elaboração de um esquete a partir de um conto retextualizado. Siga o passo a passo abaixo:

1. Solicite à turma que se dividam em 6 grupos de 5 integrantes cada.
2. Disponibilize uma lista de contos⁸, a fim de que possam escolher com qual texto querem trabalhar.
3. Explique que cada grupo deverá fazer a retextualização do conto escolhido, para, futuramente, iniciar os trabalhos de gravação do esquete. (Enfatize que terá uma aula específica de orientação para a gravação).

SUGESTÃO DE CONTOS PARA A RETEXTUALIZAÇÃO

- A carteira, de Machado de Assis;
- O cobrador de ônibus e o deus-vaca, de Cidinha da Silva;
- 22 de maio (Quarto de Despejo), de Carolina Maria de Jesus;
- Bandeira Branca, de Luis Fernando Veríssimo;
- O primeiro beijo, de Clarice Lispector;
- Gaetaninho, de Antônio de Alcântara Machado;
- O lixo, de Luis Fernando Veríssimo;
- Passeio Noturno, de Rubem Fonseca;
- O pecado, de Lima Barreto;
- Antes do baile verde, de Lygia Fagundes Telles;

⁸ Fica a critério do/a professor/a elencar outros textos que julgar interessantes para trabalhar a partir da identidade social dos/as estudantes.

É importante frisar que o tema do esquete seguirá a temática trazida pelo conto, por isso a importância de escolherem um texto que faça sentido para eles, a fim de facilitar a condução da atividade.

Após explicar a atividade, sugira que os/as alunos/as iniciem a leitura e a retextualização do conto em sala, sendo a próxima aula uma oportunidade de atendimento com o/a professor/a para realizar os ajustes necessários, a fim de que o novo texto se encaixe, de fato, no gênero teatral dramático. Dessa forma, os/as discentes esclarecerão suas dúvidas acerca do conto retextualizado na próxima aula.

5ª Etapa:

Verificação dos textos retextualizados e encaminhamentos para a gravação dos esquetes

Nessa etapa, a aula funcionará como um atendimento individualizado aos grupos, de forma que o/a professor/a verifique os textos retextualizados e possa fazer sugestões de reescrita, caso necessário. É importante que o/a docente tenha o contato com os/as alunos/as e converse com eles sobre essas alterações, buscando compreender os elementos apresentados pelos/as discentes e sugerindo melhorias, na tentativa de construção de um texto que, de fato, atenda aos critérios do gênero teatral/dramático. Além disso, sugere-se que o/a professor/a atenda aos grupos individualmente e, enquanto eles vão sendo atendidos, peça para que analisem os textos daqueles que já foram atendidos, com o intuito de, caso queiram e se sintam à vontade, possam propor mudanças ou sugestões. Considerando que a aula será de 50 minutos, estipule uma média de tempo para cada grupo.

Reserve o momento de preparar os/as alunos/as para a gravação dos esquetes, enfatizando as características do gênero e expondo todos os aspectos já mencionados em aulas anteriores.

6ª Etapa: Ensaios e preparação para as gravações dos esquetes

Com o texto teatral escrito, analisado e reelaborado, é hora de pensar na gravação dos esquetes. Para isso, nesta aula, sugira que os/as alunos/as se preparem para dar início aos ensaios do esquete, pensando na divisão dos personagens, na construção do cenário, na utilização da linguagem etc. Explique que nem todos os membros do grupo precisam atuar no esquete (a depender da quantidade de personagens do conto escolhido), haja vista que este é um trabalho que é dividido em várias partes, sendo interessante fazer a divisão das tarefas.

Nessa perspectiva, é importante destinar essa aula para acompanhar os ensaios mediando esse processo. Se a escola possuir um palco de teatro, é interessante que essa preparação inicial seja feita lá. Todavia, não possuindo, os ensaios poderão ocorrer dentro das salas de aula, sendo os/as alunos/as os espectadores uns dos outros.

Seguindo esse raciocínio, é relevante que os ensaios sejam gravados⁹, a fim de que os discentes tenham noção, dentre outras questões, do tempo de duração do esquete. Para realizar a gravação teste, podem ser utilizadas câmeras ou o próprio celular dos/as alunos/as e do/a professor/a, desde que seja feita na horizontal. Disponibilize um suporte para o celular caso ele seja utilizado para a gravação, pensando na qualidade do vídeo.

Por fim, oriente ao 1º grupo que se posicione para iniciar os testes, orientando aos/as demais alunos/as que fiquem em silêncio e prestem atenção no ensaio dos colegas, anotando algumas sugestões para se discutir no final da aula.

⁹As técnicas para a gravação final serão apresentadas na aula seguinte.

Após os grupos terem feito os primeiros testes, reúna todos para uma discussão, analisando, nos vídeos gravados, a postura apresentada durante a atuação, a construção dos personagens, o tom da voz etc., a fim de verificar se os grupos deram conta de adequarem-se ao gênero oral por meio do texto teatral. Caso haja alguma dificuldade por parte de algum grupo, faça uma revisão geral sobre o esquete, destacando os materiais de apresentação do gênero oral. Encerrando as discussões, avise a todos/as que as orientações para a gravação final serão apresentadas na próxima aula.

7ª Etapa:

Gravação final e edição dos vídeos

Feitos os ensaios, é hora de aprimorar as técnicas para a realização das gravações finais e acertar os últimos detalhes. Nessa aula será abordada a acessibilidade e inclusão digital, para que, dessa forma, esse trabalho alcance um público maior e faça cumprir a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Nº 13.146/2015), a qual diz ser obrigatória a utilização de legendas e outras ferramentas que auxiliem pessoas com deficiências a compreenderem conteúdos divulgados online.

Nesse sentido, o/a professor/a deve iniciar a aula chamando a atenção para a gravação final dos esquetes. É importante explicar que a gravação é um trabalho final de responsabilidade de todos/as. Assim, não necessariamente eles/as precisam gravar os vídeos finais na escola, ou seja, os grupos podem se encontrar fora do ambiente escolar e escolher um lugar específico para a gravação, sendo relevante se atentar para fatores externos, como ruídos e o fluxo de pessoas, a fim de manter a qualidade dos áudios e do espaço. Além disso, enfatize na orientação que, se algum grupo não tiver acesso a alguma câmera, poderá contar com a câmera de escola (se houver), com a câmera do/a professor/a, ou até com a câmera de colegas dos outros grupos.

Seguindo com as dicas, instigue a criatividade dos/as alunos/as para os figurinos dos personagens, a construção do cenário e objetos do cenário, a fim de que os elementos do gênero teatral/dramático estejam presentes. Além do mais, caso eles possuam alguma dificuldade, esclareça que podem tirar dúvidas e que um grupo pode trocar ideias com outro grupo, valorizando o diálogo entre equipes.

Depois de dar as primeiras instruções sobre a gravação final, explique aos discentes as maneiras corretas de se gravar um vídeo. Sob essa perspectiva, monte uma apresentação em PowerPoint explicitando todas as regras de gravação dos esquetes e indicando alguns aplicativos para edição, os quais estarão alocados abaixo:

1. Mencione a quantidade de tempo mínimo (2 minutos) e máximo (5 minutos), a depender do conto escolhido (os contos sugeridos são curtos).
2. Relembre que, caso a gravação seja feita no celular, deverá acontecer no modo paisagem (horizontal);
3. Utilize os seguintes aplicativos para a edição dos esquetes:

- **WeVideo:** editor de vídeo gratuito que traz uma linha do tempo vertical, para favorecer a edição com o celular em pé, diferente de como outros editores trazem a linha do tempo. Todas as ferramentas básicas estão no WeVideo, desde a importação de mídias do celular, a adição de músicas, gravações de áudio e textos e títulos;



- **Magisto:** editor de vídeo do Vimeo, a plataforma que tenta se equiparar ao YouTube. Um diferencial é que este app usa inteligência artificial para selecionar os melhores trechos, aplicar filtros, fazer estabilização, detectar objetos para criar os vídeos com menos trabalho;



- **KineMaster:** traz um visual parecido com o que já é encontrado em editores tradicionais para computador. Seus recursos também não deixam a desejar: camadas de vídeo, modos de mesclagem, dublagens, chroma key, controle de velocidade, transições, legendas, efeitos especiais;
- **iMovie:** aplicativo gratuito da Apple para edição de vídeos. Por mais que seja simples e traga ferramentas básicas, é suficiente para muitos perfis de usuários, além de funcionar muito bem e integrar com outros dispositivos (se você tem um iPad ou um Mac);
- **CyberLink PowerDirector:** é um dos mais completos apps de editar vídeos no Android. Ele tem várias ferramentas extras e trabalha com uma linha do tempo em camadas. Também suporta vídeos em 4K, para exportar para qualquer outra plataforma;
- **Adobe Premiere Rush:** A Adobe já é famosa no segmento por conta do Adobe Premiere. A versão para chamada de “Rush” é voltada para quem produz conteúdo para redes sociais, por trazer ferramentas mais simples e de fácil aplicação em um celular, por exemplo;
- **FilmoraGo:** é simples e não foge do esperado em editores gratuitos. Tem recursos para títulos, transições, cortes, controle de velocidade e um foco em efeitos, com uma loja dedicada a estes estilos;
- **VideoShow:** traz uma série de efeitos, filtros e temas para usar no vídeo, com uma biblioteca de recursos básicos de edição e exportação predefinida para as principais redes sociais em uso.



Apenas para fins de conhecimento, passe para os/as alunos/as um vídeo tutorial ensinando a usar um desses aplicativos. Escolhemos o VideoShow:



<https://www.youtube.com/watch?v=sFgfG0EFRgk>



Diga aos/as alunos/as que eles/as podem usar quaisquer aplicativos para a edição dos vídeos, desde que tenham familiaridade e que saibam usá-los. Seguindo com as orientações, realce que a inclusão digital e acessibilidade na internet são assuntos pouco discutidos que, no entanto, merecem muita atenção atualmente. Por conta disso, neste trabalho, solicite que todos os conteúdos produzidos sejam legendados. Isso será realizado na edição final, que os grupos poderão fazer sozinhos ou, caso apresentem dificuldades, com a ajuda do/a professor/a.

Quanto à inserção da legendagem nos esquetes, explique que as legendas devem aparecer em cada fala dos/as personagens, inclusive em movimentos e gestos. Sendo assim, mencione o aplicativo *CapCut*¹⁰ para a inserção das legendas. Passe um vídeo com um tutorial dos vídeos:



<https://www.youtube.com/watch?v=KRDPPOQMsZM>



Por fim, é importante orientar a todos/as que se preparem antecipadamente e que se comprometam com a atividade. Caso tenham dificuldade para editar os vídeos no celular, podem recorrer ao laboratório de informática da escola ou aos colegas que têm habilidades de edição. Portanto, no fim das orientações para a gravação, marque um dia para a entrega e avaliação dos esquetes.

¹⁰CapCut é um aplicativo de edição de vídeo completo e gratuito que ajuda você a criar vídeos incríveis. Cortar, reverter e mudar a velocidade: ajustar um vídeo nunca foi tão fácil! Poste apenas seus momentos mais incríveis. Filtros avançados e efeitos de beleza impecáveis abrem um leque de possibilidades. Disponível em: https://play.google.com/store/apps/details?id=com.lemon.lvoverseas&hl=pt_BR&gl=US. Acesso em: 07 fev. 2022.

8ª Etapa: Apresentação e avaliação dos esquetes

Nessa última parte do material didático, espera-se que os/as alunos/as ampliem o conhecimento a respeito das características do gênero oral e da prática de retextualização. Nesse sentido, antes de iniciar a apresentação dos vídeos, busque saber quais foram as experiências deles/as com os esquetes e como foi a experiência de desenvolver a atividade. Peça que cada grupo fale um pouco sobre o conto proposto e comente o que achou. Reserve 10 minutos da aula para esse pequeno debate. Em seguida, chame cada grupo para apresentar o seu esquete, sendo importante, de início, contextualizar o conto escolhido. Peça à turma para verificar todos os elementos do esquete, de forma a contribuir e a compartilhar as experiências abordadas no trabalho. Deixe para comentar os trabalhos ao final da aula (ou, caso não dê tempo, explique na próxima aula), para que os/as discentes possam assistir, sem interrupções, a todos os trabalhos. Quanto à avaliação, é importante que o/a docente considere se os grupos:

1. colaboraram entre si para o desenvolvimento do trabalho;
2. respeitaram o tempo/espço de gravação;
3. compreenderam as práticas da retextualização;
4. realizaram efetivamente esquetes;
5. respeitaram a entonação da voz e empregaram gestos e movimentos corporais adequados;
6. compreenderam com êxito as dimensões extralinguísticas da oralidade;
7. utilizaram legenda adequada na gravação.

Quanto às notas dos esquetes e a divisão dos pontos, caberá ao/à professor/a a melhor organização e separação desses aspectos. No entanto, é importante destacar que a avaliação será realizada de forma conjunta com os grupos, mencionando que o desenvolvimento de um trabalho de qualidade é quando todos/as participam dele e interagem entre si.

SUGESTÃO DE OUTRAS ATIVIDADES

A proposta de trabalho apresentada aqui é longa e pode conduzir a vários caminhos de discussões na sala de aula, o que pode demandar novas ideias do/a professor/a. Nessa perspectiva, seguem abaixo algumas sugestões de atividades que podem substituir ou complementar as etapas deste material didático.

- ▶ Além do gênero conto, é interessante trabalhar também com o gênero crônica para a retextualização. As crônicas de Carlos Drummond de Andrade, Rubem Braga, Lima Barreto, Cidinha da Silva, Machado de Assis e Clarice Lispector são ótimos textos para a condução das atividades.
- ▶ Caso a atividade seja realizada em Juiz de Fora, estabelecer um diálogo com o professor Luiz Fernando Mattos Rocha, o qual ministra a Oficina Extensionista XVIII “Teatro na escola” na Faculdade de Letras da UFJF (<https://www.ufjf.br/teatronaescola/historico/>), a fim de que a atividade proposta neste material didático sirva como um trabalho prático para os/as alunos/as da oficina, os quais acompanhariam a produção do texto teatral/dramático e a gravação dos esquetes dos alunos do ensino médio.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. MEC. **Base Nacional Comum Curricular**. Secretaria de Educação Básica. Brasília:MEC/SEB. 2018. Disponível em:http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 08 fev. 2022.
- COUTO, M. O menino que escrevia versos. In: COUTO, M. **O fio das missangas**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- FARACO, C. E.; MOURA, F. M.; MARUXO JR, J. H. **Língua Portuguesa: linguagem e interação**. 3. ed. São Paulo: Ática, 2016.
- MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. São Paulo: Cortez, 2010.
- MATENCIO, M. L. M. Referenciação e retextualização de textos acadêmicos: um estudo do resumo e da resenha. **Anais do III Congresso Internacional da ABRALIN**. 2003.
- MOISÉS, M. **A criação literária: Prosa, crônica, ensaio, conto, romance, novela, crítica, teatro**. São Paulo: Cultrix, 1985.
- NUNES, V. S. **Processos de retextualização: aparato teórico-metodológico**. *Letras Escreve*, vol. 9, n. 4, Amapá, Universidade Federal do Amapá, p. 61-72. 2017. Disponível em:<https://periodicos.unifap.br/index.php/letras/article/view/3518/pdf>. Acesso em: 08 fev. 2022.
- PINTON, F. M.; STEINHORST, C.; BARRETO, T. **Glossário de gêneros e suportes textuais**. Santa Maria, RS: NEPELIN - UFSM, 2020.
- TRAVAGLIA, L. C. **Esquete: caracterização de um gênero oral e sua possível correlação com outros gêneros**. *Olhares & Trilhas*, Uberlândia, vol. 19, n. 2, jul./dez., ISSN 1983-3857, p.115 - 143. 2017. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/olhasesetilhas/article/view/40213> Acesso em: 08 fev. 2022.

REFERÊNCIAS DOS ESQUETES

ADOLESCENTE REBELDE. Rio de Janeiro: Zorra Total, 2015. (2 min.), son., color. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/4187179/>. Acesso em: 08 fev. 2022.

COMO CRIAR LEGENDAS AUTOMÁTICAS USANDO O CAPCUT. [S.l.]: Aprenda Fácil BR, 2021. (3.47 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=KRDPPOQMsZM>. Acesso em: 08 fev. 2022.

FILHO REBELDE. Rio de Janeiro: Parafernália, 2020. (1.48 min.), son., color. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1tWEVdGHu_8. Acesso em: 08 fev. 2022.

PAI, MÃE, SOU HÉTERO. Rio de Janeiro: Parafernália, 2012. (4.27 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Af2Fnj27Dg0>. Acesso em: 08 fev. 2022.

VÍDEO SHOW APP. [S.l.]: Moringando, 2019. (3.30 min.), son., color. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sFgfGOEFRgk>. Acesso em: 08 fev. 2022.

ANEXO I

De que vale ter voz se só quando não falo é que me entendem? De que vale acordar se o que vivo é menos do que o que sonhei? (Versos do menino que fazia versos).

– Ele escreve versos! Apontou o filho, como se entregasse criminoso na esquadra. O médico levantou os olhos, por cima das lentes, com o esforço de alpinista em topo de montanha.

– Há antecedentes na família?

– Desculpe, doutor? O médico destrocou-se em tintins. Dona Serafina respondeu que não. O pai da criança, mecânico de nascença e preguiçoso por destino, nunca espreitara uma página. Lia motores, interpretava chaparias. Tratava-a bem, nunca lhe batera, mas a doçura mais requintada que conseguira tinha sido em noite de núpcias:

– Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Ela hoje até se comove com a comparação: perfume de igual qualidade qual outra mulher ousa sequer sonhar? Pobres que fossem esses dias, para ela, tinham sido lua-de-mel.

Para ele, não fora senão período de rodagem. O filho fora confeccionado nesses namoros de unha suja, restos de combustível manchando o lençol. E oleosas confissões de amor.

Tudo corria sem mais, a oficina mal dava para o pão e para a escola do miúdo. Mas eis que começaram a aparecer, pelos recantos da casa, papéis rabiscados com versos. O filho confessou, sem pestanejo, a autoria do feito.

– São meus versos, sim.

O pai logo sentenciara: havia que tirar o miúdo da escola. Aquilo era coisa de estudos a mais, perigosos contágios, más companhias. Pois o rapaz, em vez de se lançar no esfrega-refrega com as meninas, se acabrunhava nas penumbras e, pior ainda, escrevia versos. O que se passava: mariquice intelectual? Ou carburador entupido, avarias dessas que a vida do homem se queda em ponto morto? Dona Serafina defendeu o filho e os estudos. O pai, conformado, exigiu: então, ele que fosse examinado.

– O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte eléctrica. Queria tudo. Que se afinasse o sangue, calibrasse os pulmões e, sobretudo, lhe espreitassem o nível do óleo na figadeira. Houvesse que pagar por sobressalentes, não importava. O queurgia era pôr cobro àquela vergonha familiar. Olhos baixos, o médico escutou tudo, sem deixar de escrevinhar num papel. Aviava já a receita para poupança de tempo. Com enfado, o clínico se dirigiu ao menino:

– Dói-te alguma coisa?

– Dói-me a vida, doutor.

O doutor suspendeu a escrita. A resposta, sem dúvida, o surpreendera. Já Dona Serafina aproveitava o momento: Esta a ver, doutor? Está ver? O médico voltou a erguer os olhos e a enfrentar o miúdo: – E o que fazes quando te assaltam essas dores? – O que melhor sei fazer, excelência.

E o que é?

– É sonhar. Serafina voltou à carga e desferiu uma chapada na nuca do filho. Não lembrava o que o pai lhe dissera sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe! Mas o filho reagiu: longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho. E riu--se, acarinhando o braço da mãe.

O médico estranhou o miúdo. Custava a crer, visto a idade. Mas o moço, voz tímida, foi-se anunciando. Que ele, modéstia apartada, inventara sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Exemplificaria, para melhor crença. Mas nem chegou a começar. O doutor o interrompeu:

– Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

A mãe, em desespero, pediu clemência. O doutor que desse ao menos uma vista de olhos pelo caderninho dos versos. A ver se ali catava o motivo de tão grave distúrbio. Contrafeito, o médico aceitou e guardou o manuscrito na gaveta. A mãe que viesse na próxima semana. E trouxesse o paciente.

Na semana seguinte, foram os últimos a ser atendidos. O médico, sisudo, taciturno: o miúdo não teria, por acaso, mais versos? O menino não entendeu.

– Não continuas a escrever?

– Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, a viver. Tenho este pedaço de vida – disse, apontando um novo caderninho quase a meio.

O médico chamou a mãe, à parte. Que aquilo era mais grave do que se poderia pensar. O menino carecia de internamento urgente.

–Não temos dinheiro, fungou a mãe entre soluços.

–Não importa, respondeu o doutor.

Que ele mesmo assumiria as despesas. E que seria ali mesmo, na sua clínica que o menino seria sujeito a devido tratamento.

Hoje quem visita o consultório raramente encontra o médico. Manhãs e tardes ele se senta num recanto do quarto de internamento do menino. Quem passa pode escutar a voz pausada do filho do mecânico que vai lendo, verso a verso, o seu próprio coração.

ANEXO II - Texto retextualizado

O menino que escrevia versos

Cenário: consultório médico e na casa da família.

Personagens: irmão, Dona Serafina (mãe), menino, médico e o pai.

O médico entra na sala do consultório e lê uma frase do menino: “De que vale ter voz se só quando não falo é que me entendem? De que vale acordar se o que vivo é menos do que o que sonhei?”.

O irmão entra na sala e, agitado, como se estivesse apontando para um criminoso, diz:

IRMÃO: Ele escreve versos!

O médico levanta da cadeira, arregala os olhos e, assustado, vê o menino.

MÉDICO: Há antecedentes na família?

DONA SERAFINA: Desculpe, doutor? O médico olha confuso para a família. Dona Serafina balança a cabeça, como se dissesse não.

O pai, olhando bravo e inquieto para o filho, responde à Serafina:

PAI: Serafina, você hoje cheira a óleo Castrol.

Dona Serafina fica comovida com a frase e acha que o marido a elogia. A família sai da clínica e retorna para a casa. O pai, que sequer dava atenção para a casa, olha para o chão e vê papéis rabiscados com versos. O menino, mais que depressa, disse ao pai:

MENINO: São meus versos, sim.

PAI: Vou ter que te tirar da escola, pois é muito perigoso e há más companhias, já que você, em vez de se lançar no esfrega-esfrega com as meninas, escrevia versos. O que passa na sua cabeça?

DONA SERAFINA: Eu defendo o meu filho!

PAI: Vamos examinar esse menino! O médico que faça revisão geral, parte mecânica, parte elétrica. Eu quero tudo! Que se afine o sangue, calibrem os pulmões, e espreitem o nível do óleo na figadeira. O que eu tiver que pagar, vou pagar! Preciso colocar fim a essa vergonha familiar.

Assim aconteceu. A família foi, novamente, ao médico. Chegando lá, todos estavam de cabeça baixa, escrevendo qualquer coisa no papel. O médico olha para o menino e o questiona:

MÉDICO: Alguma coisa dói em você?

MENINO: A vida me dói, doutor.

O médico, de repente, parou o que estava escrevendo, ficou surpreso e fechou os olhos. Dona Serafina, impaciente, questiona o doutor:

DONA SERAFINA: Tá vendo, doutor? Tá vendo?

O médico levanta os olhos e questionou, novamente, o menino:

MÉDICO: E o que você faz quando sente essas dores?

MENINO: O que melhor sei fazer, excelência.

MÉDICO: E o que é?

MENINO: É sonhar.

Dona Serafina, nervosa e impaciente, deu uma bofetada na nuca do menino.

DONA SERAFINA: Você não lembra o que seu pai te disse sobre os sonhos? Que fosse sonhar longe!

O menino, nervoso, responde à mãe:

MENINO: Longe, porquê? Perto, o sonho aleijaria alguém? O pai teria, sim, receio de sonho.

O pai dá um sorriso meio debochado, segurando o braço da mãe. O médico, novamente, olha estranho para o menino, que começa a falar sobre vários sonhos:

MENINO: Eu já inventei sonhos desses que já nem há, só no antigamente, coisa de bradar à terra. Vou exemplificar.

O médico, impaciente, interrompe o menino.

MÉDICO: Não tenho tempo, moço, isto aqui não é nenhuma clínica psiquiátrica.

Dona Serafina, desesperada, pede clemência ao médico. O doutor, então, pegou o caderno e passou os olhos nos versos. Em seguida, guardou o caderno na gaveta.

MÉDICO: Dona Serafina, venha na próxima semana. E traga o paciente.

Chegando na semana seguinte, a família retorna ao consultório. O médico questiona à família:

MÉDICO: O menino não tem mais versos?

O menino olha estranho para o médico.

MÉDICO: Você não está escrevendo mais?

MENINO: Isto que faço não é escrever, doutor. Estou, sim, vivendo. Tenho este pedaço de vida.

O menino disse, apontando um novo caderninho. O médico chama a mãe num canto do consultório.

MÉDICO: Isso é mais grave do que eu já vi. Esse menino precisa de internação urgente.

Dona Serafina, soluçando em lágrimas, responde o médico:

DONA SERAFINA: Não temos dinheiro.

MÉDICO: Não importa. Eu mesmo assumo as despesas. Vou tratar do menino aqui mesmo na clínica.

Alguém entra na sala e procura o médico. O médico estará sentado ao lado do menino, enquanto o garoto lê um de seus poemas.

labor

LABORATÓRIO BRASILEIRO DE
ORALIDADE, FORMAÇÃO E ENSINO

